

O SAGRADO E O FAMILIAR: ASPECTOS DAS IRONIAS RESTRITIVAS E DIFEMÍSTICAS EM ROMANCES DE CLARICE LISPECTOR

Ângela Maria de Souto (UEPB/PPGLIQ/Mestranda)
julietavive@hotmail.com

Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI/Orientadora)
rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Introdução

Nosso trabalho tem como objeto de estudo *A hora da estrela* e *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Nelas, a romancista faz uso da linguagem irônica. *A hora da estrela* é o relato das aventuras de uma moça alagoana “numa cidade toda feita contra ela”: O Rio de Janeiro (p.15). Macabéa, protagonista da história, é uma jovem que vive numa espécie de “limbo impessoal sem alcançar o melhor ou o pior” das coisas (p. 23). Era datilógrafa no escritório de uma empresa de roldanas na cidade inconquistável por ela (Rio de Janeiro). Dividia uma vaga de quarto com mais quatro moças, balconistas das Lojas Americanas; só comia cachorro-quente e coca-cola.

Macabéa possui uma colega de trabalho chamada Glória. Esta, segundo o narrador, Rodrigo S.M., “possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido” (p. 59). Ela é branca, loira oxigenada, carioca, enquanto Macabéa é descrita como “toda um pouco encardida” (p. 27). A ironia como iremos explicar se manifestará nessas depreciações do narrador quanto ao corpo e a vida de sua protagonista. O que se nota é que, Rodrigo S.M., personagem masculino, contrariando a hegemonia de personagens femininos criados pela escritora, no papel de narrador-personagem poderia dar-lhe uma vida melhor, de estrela, porém não escolhe isso para ela.

Em *A paixão segundo G.H.*, conta-se a história de uma mulher que depois de despedir a empregada, resolve fazer uma limpeza no quarto onde habitava aquela. No entanto, esta se surpreende ao ver que ele estava limpo. Porém, mal sabia ela que tudo em sua vida iria mudar e perder o sentido, pois ao entrar no cômodo, depara-se com uma barata. A ironia em *A paixão segundo G.H.* se dará pelo ato que ela, G.H., ao mesmo tempo que esmaga o inseto, sente um forte desejo de comê-lo, o que de fato acaba concretizando como se verá no percorrer desse estudo. Nesse romance encontramos frequentemente o uso do discurso

religioso permeando-a em situações que não condizem com o mesmo, e a ironia dá-se nessa desarticulação.

1. História lacrimogênica de cordel

Em *História lacrimogênica de cordel*, mais conhecida como *A hora da estrela*, dentre outros títulos nomeados pela escritora, o narrador-personagem, Rodrigo S.M., deprecia a protagonista, Macabéa, usando termos pejorativos, como por exemplo, ao afirmar que “ela era capim” (p.31). A ironia acontece por meio dessas depreciações, aqui ele a diminui a um estado de coisificação. O narrador também molda a personagem como sendo um ser alienado, entretanto, ela é superior aos outros personagens, uma vez que Olímpico de Jesus, o seu suposto namorado, sendo um de seus personagens é mentiroso, ladrão e assassino.

Olímpico, o suposto namorado de Macabéa, mente sempre para ela, mostrando ser algo que não é. Quando perguntou o nome dele, respondeu: “Olímpico de Jesus Moreira Chaves”. No entanto, tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não tem pai. Ele foi criado por um padrasto que lhe ensinou o modo fino de tratar as pessoas para se aproveitar delas, além de aprender a “pegar mulher”.

Mais um aspecto negativo do seu caráter como já afirmamos é o fato de também ter sido ladrão, pois em umas das conversas com Macabéa, Olímpico afirma não precisar de hora certa porque tem relógio. Todavia, não contou que o roubara no mictório da fábrica, quando um colega o tinha deixado na pia para lavar as mãos. Ele era desonesto e roubava até as pessoas que o ajudava, como o caso do vigia das obras onde era sua dormida. Além disso, chegou a matar um homem no sertão antes de vir ao Rio de Janeiro: “... Era mais passível de salvação que Macabéa, pois não fora a toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido mole-mole no fígado macio do sertanejo. Guardava disso segredo absoluto, o que lhe dava a força que um segredo dá (p. 57)”.

A palavra “salvação”, utilizada por Rodrigo S.M. no trecho citado acima, não condiz com o fato ocorrido, a morte de um homem. Como é que um ser humano terá uma suposta “salvação” com a morte de “outrem”? A palavra utilizada nos discursos religiosos, não está em harmonia com a situação anunciada na passagem. Nesse sentido recorreremos aos estudos de Paiva, que classifica os climas irônicos, cujo tom sagrado, afirma que:

A ironia atua triplamente: sobre a noção substituída, que engrandece hiperbolicamente pela participação da dignidade religiosa, que degrada irreverentemente pela correspondência estabelecida, e sobre a palavra

através da qual realiza a função dos aspectos, que vale como um elemento de dissonância, um encontro de contrários (PAIVA, 1961, p. 44).

Macabéa, ao contrário de Olímpico, possui uma boa índole, enquanto ele mente, rouba, assassina e é ambicioso. Para ele, o que valia mesmo era o dinheiro; enquanto para ela, o mais importante era as boas maneiras, pois assim dizia: “é a melhor herança” (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Dois aspectos são relevantes em *A hora da estrela*, a insegurança e a fragilidade de Macabéa; a grosseria e a falta de sensibilidade de Olímpico. Quanto à fragilidade da moça, a passagem do segundo encontro do casal nos confirma esse aspecto, ela diz a seguinte frase: “_ Eu gosto de parafuso e prego, e o senhor?” (p. 44). Nesse momento é perceptível o temor de Macabéa de que o silêncio entre os dois já significasse um rompimento. Esse tipo de procedimento aconteceu em outros romances de Clarice Lispector como ressalta Nunes (1969, p. 130), acerca do primeiro romance da escritora (*Perto do coração selvagem*): “se observa uma relação essencial entre a ação narrada e o jogo da linguagem, como situação problemática das personagens que andam a busca de comunicação e expressão”. Macabéa é carente e busca essa comunicação e expressão que ele nos fala.

Após o término do namoro entre Olímpico e Macabéa, Glória talvez por remorso, aconselha a colega que procure uma cartomante. Indica-lhe a sua, Carlota, mulher “enxundiosa e que tinha a boquinha rechonchuda” (p. 72), também ex-protistuta. Ela prevê um destino glorioso para a jovem. Ela conheceria um homem gringo, Hans, “aloiado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos” (p. 77), com o qual se casaria. A jovem sai da casa da cartomante extasiada, “grávida de futuro” (p. 79), mas ao atravessar a rua, é atropelada por uma Mercedes amarela, vindo a falecer. No entanto, o fato de não identificar a cor do olho, já nos faz crer na falta de seriedade da cartomante.

Olímpico continua o namoro com Macabéa, já que ela lhe faz parecer superior, entretanto, a sensibilidade para as coisas do mundo são mais perceptíveis para ela, pois, Rodrigo afirma: “Ele falava coisas grandes, mas ela prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria. Assim registrou um portão enferrujado, retorcido, rangente e descascado que abria o caminho para uma série de casinhas iguais de vila” (p. 52). A ironia desse fato é expressa nas tentativas inúmeras que a protagonista exerce nas perguntas a Olímpico, e que ele nunca consegue responder:

— Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático? Falaram também em álgebra. O que é que quer dizer “álgebra”?

- Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita.
 - Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”?
- Silêncio.
- Eu sei, mas não quero dizer (LISPECTOR, 1998, p. 50).

Quanto ao narrador-personagem o que se apreende é que, Rodrigo S.M., finge sentir-se culpado pela vida miserável que a jovem leva, já que ele pertence a uma sociedade cruel, onde proliferam as “Macabéas” da vida, além de ser sua criatura, é claro. Nesse sentido, o nosso objetivo é compreender de que forma os vários tipos de ironia se desenvolvem na narrativa, considerando outros aspectos que a rodeiam.

O mais intrigante em *A hora da estrela* é que é por meio desse ser “alienante” que o narrador-personagem, Rodrigo S.M., se expressa, e constantemente afirma que precisa falar sobre essa nordestina “se não ele morre”. Então surge a culpa, e além dela também vem a melancolia. Santos (2000) explica como a culpa e a melancolia podem ser constatadas nas obras de Clarice Lispector, principalmente em *A paixão segundo G.H.*

No caso de Rodrigo S.M., o sentimento de culpa dele é evidenciado no seu discurso. O narrador sente-se frustrado em ter em suas mãos o destino de Macabéa: “O fato é que tenho nas minhas mãos um destino e, no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: siga uma oculta linha fatal” (p. 21).

Segundo Martins,

O narrador de *A hora de estrela* sente-se culpado por se ver afastado do homem comum, ao perceber que uma real identificação com sua personagem – e com os que ela representa – é fato negado pela experiência, muito cuja inviabilidade prática mostra-se na incapacidade que ele carrega de por ela sentir compaixão, no sentido primeiro do sofrer – com, atingindo, no máximo, os limites da piedade – ainda assim recusado porque culpada e culposa... Vê Macabéa, mas não a alcança, seu fracasso o atormenta e atrasa seu relato (MARTINS, 1997, p. 48).

Fazendo uso do 1º verso do poema *Autopsicografia* de Fernando Pessoa, em que se afirma que “O poeta é um fingidor”, pode-se aplicar essa ideia ao narrador-personagem Rodrigo, essa culpa de que trata Martins a nosso ver é fingida, portanto essa compaixão é uma espécie de camuflagem e disso provém a ironia. Ele finge o tempo todo que não sabe qual é o destino da protagonista, entretanto, nota-se que isso é um fingimento, pois a marca constante de sangue na obra é um prenúncio de como será esse “grand finale”.

Um dos títulos do livro por si só já é irônico *A hora da estrela*, conforme Lima (2007, p.73), essa obra é “metalinguagem pura, uma ironia contra os clichês narrativos, (ou

antinarrativa)” e confirma-se essa ideia dele ao vermos que todos os sonhos de Macabéa são frustrados. Rodrigo, o narrador – personagem, afirma para os leitores: “... Que não esperem, então, estrelas no que se segue nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos” (p. 16). Coutinho afirma que “Clarice Lispector parece ultrapassar um tom de coloquialismo e de narração sem surpresas” (1997, p. 530). Ele coloca a questão do chamamento do narrador ao leitor nos monólogos, afirma que eles nos “dão um caráter de familiaridade ilusória” (idem, p. 530). Ele declara que o engano está na linguagem comum, porque “na coisa comum podem-se condensar perguntas que não se deseja” (idem, p. 530). A esse “engano comum” chamamos de ironia.

Encontramos outras evidências a este respeito (título), Rodrigo afirma “que a narrativa está acompanhada do início ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta” (p. 24). Afirma ser a história quase nada, história de cordel como sugere um dos títulos. Segundo SÁ (1979, p. 213), “escreve não por causa do assunto ou da protagonista nordestina, mas por motivo de força maior como se diz nos requerimentos oficiais por força de lei”.

O título *A hora da estrela* não representa nada de esplendor na história, o fio de ligação dele com a história, ocorre pelo fato da protagonista em um dos seus sonhos de vida não consumados, desejar ser estrela de cinema; admirava Greta Garbo e queria ser Marylin Monroe. Somente a morte consumaria esta fantasia de Macabéa; esse seria o seu único e grande papel de sua vida apagada:

... Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer; na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes (LISPECTOR, 1998, p. 29).

2. A busca de G.H.

O encontro de G.H., personagem principal do romance, com a barata, inicia um processo de (re) encontro com o seu verdadeiro “eu”. A essa viagem em busca desse “eu” damos o nome de epifania, que de acordo com Sant’Anna (1984, p. 189), “aplicado à literatura o termo significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação”.

Para Amaral,

Ao longo do processo epifânico, em pleno espaço “onde se ritualiza o conhecimento” através de humilhantes e desmobilizadoras provas, tal conhecimento de si mesmo através do outro, ou seja, o autoconhecimento de G.H. através de barata pode ser entendido, em termos antropológicos, se concebermos esta última como animal totêmico. De acordo com tal interpretação, o inseto, além de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de culto, é também o ser concreto e simbólico a ser devorado pelo crente, pelo iniciado, por aquela que compartilha de seu sangue e carne (2005, p. 128).

Esse ser “iniciado” colocado por Amaral nos lembra da unidade nuclear, o monomito, (separação-iniciação-retorno) aludida por Joseph Campbell em *O herói de mil faces*, em que o herói segue uma trajetória, ele sai das trevas, caminha pela luz (iluminação da consciência), corrige um erro e tende a voltar pelas trevas no inconsciente, porém, ele não é o mesmo e, portanto, toma consciência e sai dela. No romance em questão trata-se de uma heroína. Assim é a personagem G.H., uma dona de casa, que se defronta com uma barata, ser vivo, que pode ser encontrado em qualquer domicílio, por meio desse inseto inicia uma jornada, uma separação de sua vida anterior e depois retorna, mas não da mesma forma que era antes (a unidade nuclear já descrita).

G.H. começa a partir desse encontro com o inseto a fazer indagações, a curiosidade lhe domina, e então ela passa a comparar a ancestralidade dele com a da raça humana. Entretanto, isso só foi possível porque o desejo lhe sobreveio; ao esmagar a barata entre a porta do guarda-roupa, ela ansiou por degustar a pasta branca que escorria da barata, enquanto a mesma agonizava: “... Pois mesmo ao ter comido da barata, eu fizera por transcender o próprio ato de comê-la” (p. 166). A ironia se concretiza nesse ato cometido pela personagem, ao mesmo tempo em que sentiu nojo ela ansiou e como vimos comeu a pasta branca que saiu da barata, repartiu com ela sua vida, ambas agora são uma só, aliás, a barata é o seu espelho, o seu duplo, sua sombra. Há aqui também conforme Nunes (1969, p. 100) “um impulso sádico masoquista”.

No comentário inicial do próprio romance Castello (1998) afirma que “só depois desse ato, que desarruma toda visão civilizada, é que G.H. pode enfim se reconstruir”.

Segundo Nascimento,

Um dos horrores de G.H. vem de se reconhecer no desenho da mulher, o modo como a Outra a via, sem que ela sequer desconfiasse. Como se a Outra, por ser “criada”, jamais pudesse ter opinião formada sobre quem a empregava, muito menos configurar uma tão estranha imagem. Por isso o estado de estranhamento de si em que a protagonista se sente lançada desde o princípio sem começo simples do livro. A paixão do título é esse estado passivo em que se recebe de pleno o ativo sentimento do outro/da outra, sem que nada se possa fazer. A via-crúcis desse corpo e dessa alma significa a impossibilidade de recuar, uma vez o mecanismo disparado. Uma vez

confrontada à visão da barata, não há como divisar o seu rosto, igualando-a a um humano (2012, p. 228).

Essa animalidade, esse canibalismo nos leva em direção da ironia disfemística que, de acordo com Paiva (1961, P. 22) “atua desde a aplicação de características animais ao homem”. Em Clarice Lispector, afirma Nunes (1969, p.126), “a presença da animalidade é intensificada”. Ainda sobre esse assunto ele diz que “os bichos constituem na obra de Clarice Lispector, uma simbologia do ser” (idem), ou seja, a barata simboliza o ser de G.H.

A paixão segundo G.H. escrita por Clarice Lispector no ano de 1964, ano em que Santos (2000, p. 59) afirma “que o Brasil presenciou o golpe militar de 13 de março, responsável por um longo período de censura e perseguição a políticos e intelectuais de esquerda”. Percebemos que assim como em *A hora da estrela*, é possível identificar em suas passagens e nos trabalhos acerca deste romance; processos comuns como a ironia. Olga de Sá (1979) analisa a fortuna crítica de Clarice Lispector, principalmente aspectos da narrativa como o tempo, a linguagem, a epifania, a escritura metafórico–metafísica, além de comentar obras como *A paixão segundo G.H.* e *A hora da estrela*.

Em *A paixão segundo G.H.*, de acordo com Campos (1981, p.86) “... a personagem principal aponta para uma fase de reconhecimento do mundo e de autorreconhecimento no mundo e onde o engajamento pela transformação das estruturas sociais se faz quase que imediatamente necessário”. Para que o que foi dito por Campos ocorresse, foi preciso que G.H. desorganizasse primeiro o seu mundo anterior, sofrendo assim uma perda de si mesma para poder reconhecer o mundo e se auto reconhecer no mundo: “Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não saber como viver, vivi uma outra? A isso queria chamar desorganização, e teria a segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização...” (p.11).

Há em *A paixão segundo G.H.* outras perdas, como a perda da sua terceira perna: “Perdi alguma coisa que me era essencial... Perdi uma terceira perna [...]” (p. 11). Este tripé seria a sua vida secular, que por sua vez como vimos, era um viver organizado. A perda desse tripé faz com que G.H tenha a necessidade de escrever o que lhe aconteceu, para isso foi preciso, que recorresse à busca da memória através da escrita.

Para Nascimento,

“A quinta história”, de *A legião estrangeira*, e *A paixão segundo G.H.* trazem a impessoalidade doméstica da barata, ao mesmo tempo extremamente distante (na escala de valores atribuídos ao vivo, os insetos ocupam o último lugar, junto com vírus e bactérias) e próxima (a barata habita, apesar de tudo, os lares, convivendo como a alteridade no limite do

suportável). As baratas, seres também plurais em tipos e formas, configuram o próprio estranho familiar sendo considerado o vivente mais antigo do planeta. É como se sempre tivesse havido baratas, bastando haver vidas (2012, p.41).

Com a perda de sua humanização devido ao encontro com a barata, G.H., sente a necessidade de escrever para alguém para lhe falar sobre os fatos que sucederam desde a partida da sua empregada ao encontro com a barata. Para isso utilizou-se do fingimento: “esse esforço que farei agora por deixar subir à tona um sentido, qualquer que seja esse esforço seria facilitado se eu fingisse escrever para alguém”. Esse fingimento é típico do ironista (PAIVA, 1961, p.15).

Segundo Amaral,

Ao longo do romance, cada passo da personagem pode ser compreendido como uma opção entre dualidades: entrar no quarto, entrar no armário, entrar na barata, tudo é sinal de um irremissível desvio que provoca o florescimento luminoso da árvore epifânica. Desta forma, assim como os capítulos compõem a árvore narrativa saindo um do outro, os próprios parágrafos são alongamentos um do outro, como se de cada parágrafo brotasse novos significantes (2005, p.133-134).

A criação desse “outro” é o início da busca de si mesma. Iannace em *A leitora Clarice Lispector* faz uma abordagem bastante interessante ao tratar da relação eu versus outro, já que baseia as suas análises em Mikhail Bakhtin; ele coloca “[...] o ver-se a si mesmo, por meio de dado objeto, que desempenha papel análogo ao do espelho [...]” (2001, p.68), este espelho na obra *A paixão segundo G.H.* seria a barata e a personagem G.H. se vendo nela e/ou sendo ela. É por meio desse outro que a personagem finge dando-lhe a mão: “Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão” (p. 17). Esse outro é principalmente o inseto, apesar da presença no romance de sua empregada, Janair e dessa mão misteriosa. É através da barata que G. H. faz uma “viagem empreendida para descobrir as outras camadas de si mesma” (SANTOS, 2000, p. 32). Assim como a barata possui suas várias camadas, a personagem procura descobrir as suas também. A barata é a entrada, a passagem para G. H. (re) encontrar-se com sua ancestralidade através dos tempos: “A passagem estreita” fora pela barata difícil e eu me havia esgueirado com nojo através daquele corpo de cascas e lamas (p. 65).

Existe em Clarice uma “exclusiva expressão do feminismo” (GROSS MANN, 1987, p. 201). A maioria de seus personagens são mulheres e as personagens femininas Clariceanas, conforme Nunes,

São personalidades fraturadas, divididas – um feixe de eus disparatados – que se surpreendem por estarem existindo e que não contam com o abrigo acolhedor da certeza de uma identidade. Buscam a si mesmos no que quer que busquem. Ou se desconhecem ou se estranham o Ego convertido em Alter, o circuito da consciência reflexiva interrompido por um momento de êxtase que lhes desorganiza a individualidade (NUNES, 1969, p. 275).

Essa busca de identidade assim como ocorre em *A hora da estrela* com Macabéa, também acontece em *A paixão segundo G. H.* com a personagem. Segundo Nascimento (2012, p.89), o anonimato da personagem narradora G.H. equivale ao de sua antagonista, a barata, que, por natureza, não tem nome. O novo, o desconhecido geralmente assusta e G. H. não foge a esta regra. Para se autodescobrir ela faz uma travessia da qual sente medo, porque não compreende, não conhece esse viver: “Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, sei me entregar à desorientação” (p.13). G.H. acaba por ser paradoxal em sua busca, ora ela quer revestir-se de uma nova roupagem, um novo ser, ora ela quer a sua máscara antiga.

Para Amaral “sobre esta obra, que vê como um labirinto mágico, místico e metafísico, em que uma mulher e uma barata são a mesma criatura, essa barata sendo o duplo dessa mulher” (2005, p. 126), isso nos remete a presença da melancolia pelos paradoxos vividos, e a ironia pelo uso das máscaras (mundo civilizado, mundo primitivo), nos lembrando duma peça teatral através do monólogo em que o ator encarna vários personagens com suas ações e seus temperamentos diversificados. Paiva afirma que essa encenação teatral está dentro da ironia com o tom “ingênuo” (1961, p.13).

As personagens criadas por Clarice geralmente sentem uma coisa e pensam outra, segundo Nunes “há sempre uma distância que a reflexão preenche, seja diretamente, através do monólogo interior, seja indiretamente por meio de interferências da narradora” (1969, p. 117). Em *A hora da estrela* essa “distância” é feita de forma indireta por meio da narradora, mas em *A paixão segundo G.H.*, ela é direta. Nesse romance existe a presença do monólogo interior, pois as outras personagens criadas são superficiais, não possuindo fala própria.

Santos afirma,

não há mais uma personagem central que monopoliza a ação dos personagens secundários. Há G.H., que já vem mutilada pela inexistência de um nome completo que a identifique, há um outro-barata que, por vezes, se confunde com a própria protagonista (“eu sou, a barata”), e há um tu imaginário, um amante ou leitor, destinatário da escrita elaborada pela narradora (SANTOS, 2000, p. 59).

Em *A paixão segundo G.H.* encontramos tal distância descrita por Nunes através do uso confuso de sua linguagem:

O que eu era antes não me era bom. Mas era desse não-bom que eu havia organizado o melhor: a esperança. De meu próprio mal eu havia criado um bem futuro. O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo o que for acontecendo? Terei que correr o sagrado risco do acaso (LISPECTOR, 1998, p.13).

Percebemos aqui, a presença de alguns paradoxos que nos ratificam a confusão vivida pela personagem por meio das palavras bom/não-bom, mal/bem futuro e o sagrado ligado ao risco. Como é possível organizar uma vida melhor e ter esperança através de algo que não é bom? Como poderia alcançar um bem futuro pelo caminho do mal? As próprias interrogações da personagem demonstram sua fragilidade e insegurança. E quanto à utilização dos paradoxos na escrita clariceana Souza nos afirma ser “[...] um dos recursos mais caros à transgressão da lógica que ordena o discurso” (2006, p.55). É pelo uso dos paradoxos que se manifesta também a ironia.

Paiva (1961), em *Contribuição para uma estilística da ironia* aborda os tipos de ironia e os climas existentes. A autora classifica os tipos de ironia em: ironia pura, sátira, difemística, restritiva e contornante. Na distribuição dos climas irônicos temos: o tom ingênuo, o retórico, o sagrado, o científico e o familiar. Em *A hora da estrela*, manifesta-se mais a ironia pura, a contornante e a difemística, nos climas temos o tom ingênuo e o sagrado.

Em *A paixão segundo G.H.* ocorre com frequência a ironia restritiva e a difemística, nos climas o tom sagrado e o familiar. A ironia, segundo Paiva (1961, p. 03), “é simultaneamente uma atitude de espírito e um processo característico de expressão”, essa expressão se dá quanto ao uso da linguagem que a escritora Clarice Lispector faz em suas obras *A hora da estrela* e *A paixão segundo G.H.*, as quais são o nosso objeto de estudo. Nelas encontramos a ironia pura, a restritiva, a difemística e a contornante, em seus climas ingênuo, sagrado e familiar. Em *A hora da estrela* manifesta-se mais a ironia pura, a contornante e a difemística, nos climas o tom ingênuo e o sagrado, em *A paixão segundo G.H.* a ironia restritiva e a difemística, nos climas o tom sagrado e o familiar.

Segundo Bezerra (2003, p. 24), “A palavra ironia, que vem do grego *eironeia*, é definida como a atividade de quem dá importância muito menor que a devida (ou que julga devida) a si mesmo, à sua própria condição ou a situação, coisas ou pessoas com quem tenha estreita relação”. Em *A hora da estrela* o narrador faz uso da ironia num clima aparentemente

“ingênuo”, exercendo pouca “relevância” à protagonista. Isso ao compararmos ela com os outros personagens, entretanto, é por meio da personagem Macabéa, que Rodrigo S.M., ao descrevê-la, também se descreve, tanto a si quanto a sua Literatura.

Em *A paixão segundo G.H.*, a personagem G.H., uma dona de casa, ao deparar-se com uma barata depois da partida de sua empregada, sente nojo, mas é através desse ser que ela faz uma viagem interior, passa a comparar a ancestralidade do inseto com a da raça humana. Isso ocorreu após ela ter desejado comer o inseto e tê-lo feito: “(...). Pois mesmo ao ter comido da barata, eu fizera por transcender o próprio ato de comê-la.” (p. 166). Tal episódio coaduna-se com a análise de Paiva sobre a ironia familiar: “a primeira característica da linguagem familiar provém dela ser essencialmente oral, outras, são determinadas pela ausência de constrangimento, pela intimidade do ambiente familiar”. Essa “intimidade do ambiente familiar”, “essa ausência de constrangimento” e uso da oralidade é encontrada na personagem G.H., já que come o inseto (1961, p.51).

Na mesma linha de pensamento, Paiva coloca que, “o disfemismo atua, porém, frequentemente nos processos de expressão de ironia, desde a aplicação de características animais ao homem, até o uso de sufixos de cunho pejorativo” (1961, p.22). Nesse caso, a autora ao escolher a personagem G.H. e ao colocá-la em tal situação peculiar (comendo a barata), faz uso da ironia disfemística, rebaixando a personagem a categoria de “animal”.

Conclusão

Nunes (1969) coloca a linguagem entre os temas desenvolvidos pela ficção de Clarice, assim como a angústia, o nada etc., inserindo-as na filosofia do existencialismo. Naturalmente, a ironia não está descartada no estudo dele, uma vez que em *A hora da estrela* e *A paixão segundo G.H.*, quanto ao aspecto irônico em sua linguagem narrativa, algumas falas das personagens nas duas obras, faz com que esse recurso da ironia tenha pertinência.

Acreditamos que tivemos êxito ao traçarmos esses aspectos como base do nosso trabalho, já que seguimos um caminho ligado à ironia nas obras aqui descritas, não sabemos de outros trabalhos que tenham trilhado o mesmo, portanto, esperamos com ele trazer novas contribuições.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília. **O leitor segundo G.H.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- BEZERRA, Rosilda Alves. **Breves Considerações sobre a ironia.** Tese de Doutorado. In Leituras da Ironia em **Eu e Outras Poesias** de Augusto dos Anjos. João Pessoa; UFPB, 2003.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- CAMPOS, Marta. **Desestruturação e mudança em A paixão segundo G.H.** Com. Social, Fortaleza, n.1, v. 10, jan/jun, 1981.
- CORREIA, Francisco José Gomes. **O rosto escuro de Narciso.** Ensaios sobre literatura e melancolia. João Pessoa: Ideia, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** Global, 1997.
- IANNACE, Ricardo. **A leitora Clarice Lispector.** São Paulo: EDUSP, 2001.
- LIMA, Luciano Rodrigues. **Clarice Lispector comparada:** Narrativas de conscientização em Clarice Lispector, Virginia Woolf, Susan Glaspell, Katherine Mansfield e A.S.Byatt. Salvador: EDUFBA, 2007.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998 a.
- MARTINS, Gilberto Figueiredo. **Breves Considerações sobre a infância em contos de Clarice Lispector.** Insight psicoterapia e psicanálise, n. 124, dez, 2001.
- NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector:** uma literatura pensante. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2012.
- NUNES, Benedito. **O Dorso do Tigre.** São Paulo: Perspectiva, 1969.
- PAIVA, Maria Helena de Novais. **Contribuição para uma estilística da ironia.** Centro de estudos filológicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros.** Petrópolis: Vozes, 1984.
- SANTOS, Jeana Laura dos. **A Estética da melancolia em Clarice Lispector.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2000.
- SÁ, Olga de. **A Escritura de Clarice.** Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.
- SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. **O humanismo em Clarice Lispector:** Um estudo do ser social em A hora da estrela. São Paulo: Musa editora, 2006.